

CADERNO DE RESUMOS

1º Simpósio Educação e Epistemologia
Multiplicidade Epistêmica da Educação

Organização



CADERNO DE RESUMOS
1º Simpósio Educação e Epistemologia
Multiplicidade Epistêmica da Educação

SUMÁRIO

Eixo 1 – Novas Perspectivas em Epistemologia e Educação

A epistemologia da complexidade: uma breve introdução	05
A saúde escolar nas conferências internacionais de educação e de saúde	05
As novas relações entre as ETECs e seus alunos: discussões sobre a evasão escolar . . .	06
Ciência à luz do pensamento complexo de Edgar Morin	07
Possíveis intersecções entre educação e trabalho: um debate contemporâneo	08
Traduzir a educação museal: ato político em epistemologia	09

Eixo 2 – Participação da Epistemologia na Pesquisa Educacional

A abordagem metodológica do walking ethnography na educação ambiental e educação em saúde	12
A formação do estudante do ensino médio e sua relação com o mundo do trabalho: um estudo a partir da teoria histórico-cultural na EEB Professora Salete Scotti dos Santos – Içara/SC	13
O bacharelismo jurídico e a formação do intelectual orgânico no Brasil Império	14

Eixo 3 – A Epistemologia e seu Lugar na Esfera Teórica da Filosofia da Educação

A cientificidade da educação: diálogo epistêmico entre filosofia e pedagogia	16
Cem anos de Darcy Ribeiro: Revisitar a vida e a obra em uma tentativa de compreender o tema racial no Brasil	16
A ética na formação do adolescente no ensino médio	17
Contradições da formação humana e profissional no curso de Direito: uma aproximação com base nas representações de estudantes de três universidades particulares de São Paulo	18
Educação para o pensar: desafios e perspectivas do ensino de filosofia	18
Ética e felicidade no contexto feminino: uma análise à luz da decolonialidade da epistemologia jurídica	19
Filosofia e educação: a prática filosófica enquanto mediação na formação por competências	20
O conceito de Pedagogias Decoloniais em Catherine Walsh	21
Uma análise freireana sobre as concepções epistemológicas e ontológicas no currículo neoliberal	22

Eixo 4 – Fundamentação Epistêmica das Teorias Pedagógicas

CADERNO DE RESUMOS
1º Simpósio Educação e Epistemologia
Multiplicidade Epistêmica da Educação

A pedagogia histórico crítica enquanto teoria pedagógica fundamentada no marxismo histórico crítico. Explicação e discussão acerca deste referencial	24
Currículo escolar: uma análise a partir da Teoria Crítica	24
Os corpos dóceis e a educação bancária como negação da vocação ontológica: diálogos entre Michel Foucault e Paulo Freire	25
 Eixo 5 – Manifestações Paradigmáticas da Epistemologia sob Impacto da Atual Geopolítica do Conhecimento	
Educação como prática de atenção: notas para uma pedagogia pós-crítica	27
Manifestações Paradigmáticas da Epistemologia sob Impacto da Atual Geopolítica do Conhecimento	27
Uma leitura debordiana da Educação Brasileira	28

Eixo 1

Novas Perspectivas em Epistemologia e Educação

Tem por proposta apresentar e discutir os novos paradigmas epistemológicos e suas propostas para a construção do conhecimento no campo educacional, numa perspectiva mais geral

A epistemologia da complexidade: uma breve introdução

Elvis Rezende Messias (UEMG-Campanha/UNINOVE)
Antônio Joaquim Severino (UNINOVE)
Mariana Silva Mancilha (SEE/MG)

O trabalho, oriundo de pesquisa bibliográfica, objetiva apresentar uma breve introdução à contribuição da epistemologia da complexidade à investigação científica em nosso contexto. Partimos de uma exposição acerca da crítica direcionada pela epistemologia complexa aos fundamentos da ciência clássica, distinguindo, em seguida, epistemologia simplificadora e epistemologia complexa. Posteriormente, fazemos uma breve problematização da relação da complexidade com o que ela entende por método e metodologia. Apresentamos também os três grandes operadores (ou princípios) do pensamento complexo e, a partir deles, ensaiamos breves acenos quanto à questão da transdisciplinaridade e da educação. Distinguimos ainda racionalidade, racionalismo e racionalização, dada sua importância na compreensão epistemológica da complexidade. Por fim, sintetizamos os elementos imperativos que iluminam o horizonte epistemológico aqui investigado, destacando os seus fundamentais princípios de inteligibilidade, segundo Edgar Morin. Os resultados nos permitem entrever que a epistemologia complexa oferece singular contribuição à história das ciências e dos saberes humanos, na medida em que nos coloca em maior conscientização da multidimensionalidade do real, de muitos dos limites e possibilidades da compreensão e da condição humanas, bem como da percepção de que um conhecimento evidente, claro e distinto, que pretende dissipar todas as dúvidas possíveis, não parece ainda ser muito acessível ao ser humano. Segundo propõe Morin, a epistemologia complexa nos coloca a par dos múltiplos fios que tecem juntos a trama da realidade e apresenta o urgente imperativo de uma ciência com consciência, solicitando-nos uma reforma do pensamento e da educação.

A saúde escolar nas conferências internacionais de educação e de saúde

Edson Manoel dos Santos (UNINOVE)
Rosemary Roggero (UNINOVE)

O cuidado com a saúde como uma responsabilidade de diversos setores, inclusive da educação, e não apenas dos campos específicos das ciências da saúde, é apresentado por organismos internacionais, como estratégia imprescindível para o pleno cuidado com a prevenção e a promoção à saúde das pessoas. A educação e o ambiente escolar são historicamente vistos como importantes espaços para as ações promovidas por profissionais e serviços de saúde coletiva (SANTOS; ADINOLFI, 2021).

O cuidado com a saúde no ambiente escolar, pode ser identificado na Declaração Mundial sobre Educação para Todos – Tailândia 1990, ao recomendar a ampliação dos serviços de

educação básica e capacitação em habilidades necessárias aos estudantes, avaliando a eficácia dos programas em função de mudanças de comportamento e impactos na saúde, emprego e produtividade da sociedade (JOMTIEN, 1990).

Em 2000 no Senegal, o Fórum Mundial de Educação, trouxe importante referência à implantação de programas e ações educacionais para o combate a pandemia de HIV/AIDS e a deficiência em saúde (UNESCO, 2001). Em 2015 na Coreia do Sul, o Fórum Mundial de Educação não apresentou nenhuma referência para o cuidado à saúde que pode ser realizado nos serviços de educação (UNESCO, 2015).

Nas Conferências Internacionais de Promoção à Saúde, de maneira explícita ou não, o ambiente escolar está presente nas Cartas e orientações finais, como observado na Declaração de Alma-Ata – URSS 1978 afirmando a saúde como um direito fundamental necessitando de ações de todos os setores da sociedade (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Em 1986, a Carta de Ottawa – Canadá, cita a educação como um recurso fundamental para a saúde, intenção reafirmada em 1988 na Declaração de Adelaide – Austrália, onde as instituições educacionais precisam responder às necessidades da nova saúde pública, reorientando currículos para melhorar as habilidades em capacitação, mediação e defesa da saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Em 1991, na Suécia a Declaração de Sundsvall reconhece que a solução dos grandes problemas de saúde está além do sistema de saúde e que as ações devem envolver, setores como educação, entre outros. Isso é reafirmado na Declaração de Santafé de Bogotá – Colômbia em 1992 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Na Declaração de Jacarta – Indonésia 1997, Declaração do México em 2000 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002), Declaração de Bangkok – Tailândia 2005 (BANGKOK, 2005) e Declaração de Helsinque – Finlândia 2013 (AKERMAN, 2013), é reafirmado a colaboração de toda a sociedade, inclusive da educação no cuidado com a saúde.

Ao se observar as declarações resultantes das conferências internacionais sobre educação e sobre promoção à saúde, verifica-se que a saúde escolar está presente de maneira mais contundente nas conferências de saúde como importante espaço para a promoção e prevenção à saúde, enquanto que, nas conferências de educação, a saúde escolar não se faz presente, mesmo as suas práticas sejam realizadas no ambiente escolar, o que sugere a necessidade de estudos sobre saúde escolar realizados sob o ponto de visto dos serviços e profissionais de educação.

As novas relações entre as ETECs e seus alunos: discussões sobre a evasão escolar

Jeferson Nedelciu (UFSCar)
Felipe de Souza Tarábola (USP)

Em 2016 acompanhamos uma série de manifestações estudantis que, entre as pautas levantadas, os jovens buscavam o combate ao movimento político que fomentava a reforma no ensino médio que vivemos. Tal reforma se implantou sob inicialmente a medida provisória nº 746, de 2016 e depois promulgada pela Lei nº 13.415/2017. Neste período,

mesmo que não no centro das discussões, mas sob forte influência do cenário, podemos identificar uma série de mudanças dentro das Escolas de Ensino Técnico (Etecs), administradas pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo – e que possui vínculo com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico. No total, o Centro Paula Souza articula um ensino técnico para cerca de 230 mil estudantes em todo estado de São Paulo e boa parte de seus cursos, hoje, são direcionados aos mais jovens (entre 15 e 25 anos), inclusive ofertando diversas novas modalidades de ensino denominadas como ETIM (Ensino Técnico Integrado ao Médio), NovoTec (Novo Ensino Médio Integrado ao Técnico) e MTec (Médio Integrado ao Técnico); por sua vez, o último citado é direcionado exclusivamente a uma propaganda alinhada com a Lei da reforma do ensino médio. Uma problemática identificada dentro do Centro Paula Souza é a evasão escolar. De longe é uma realidade apenas da autarquia, e mesmo com uma série de mudanças em sua estrutura ao longo dos anos, os números permanecem altos. Há alguns anos, mais precisamente na década de 1980, o ensino técnico era identificado como o ensino voltado aos filhos de operários; neste cenário se tinha que tal modalidade de ensino era a única forma deste público atingir uma profissionalização. O ensino, por assim dizer, foi marginalizado, criando o que autores definem como uma dualidade no ensino: de um lado, o ensino superior ocupado pela classe burguesa e, de outro o ensino direcionado para formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho (aqui então identificadas as Etecs). Contudo, novos panoramas surgiram. O público que está nas Etecs já não é mais o mesmo da década citada, entretanto muitos professores e estruturas ainda são. Os anseios juvenis mudaram, a procura por Etecs segue e o ensino ali proposto, em muitos casos, já não condiz com a realidade de apenas se buscar o ensino para uma formação voltada aos desejos do empresariado. Se o ensino foi reconstruído pensando na formação direcionada para o mercado de trabalho, como conseguir o engajamento do jovem que não pensa desta forma? Neste estudo, fizemos a proposta de entender a evasão escolar dentro da Etec Sales Gomes, unidade de ensino médio e técnico do Centro Paula Souza localizada no município de Tatuí/SP. Participaram da pesquisa 27 jovens dentro do perfil sugerido, cujos resultados, preliminarmente, apontaram que nem sempre o intuito do jovem matriculado em Etecs é voltado a educação direcionada ao mercado de trabalho, na formação de uma posterior mão de obra, e esse conflito pode ser identificado como um dos principais motivadores da evasão escolar no cenário do ensino técnico do país.

Ciência à luz do pensamento complexo de Edgar Morin

Deise Leandra Fontana (IFPR – Campus Curitiba)

Neste ensaio teórico busca-se estabelecer relações dialógicas entre ciência e sentido, com base nos macroconceitos do pensamento complexo e transdisciplinar. Para tanto, estabelecem-se reflexões oriundas do estudo de algumas das principais obras que discutem a ciência à luz do pensamento complexo. Nesta perspectiva entende-se a ciência como uma atividade cognitiva - de investigação e de pesquisa - permeada por um movimento recursivo e auto-ecoprodutor. Para realização deste estudo, constituiu-se um quadro teórico, baseado

em autores, tais como, Edgar Morin e Basarab Nicolescu. A abordagem metodológica deste estudo baseia-se na abordagem qualitativa de pesquisa, de natureza interpretativa. Os resultados provisórios apontam para a constituição de um território do sentido, ao buscar-se debruçar na interpretação dessa temática nas obras selecionadas. Acredita-se que este estudo interpretativo possa potencializar a compreensão dos modos de se conceber a ciência na temporalidade. Adota-se como método os operadores cognitivos do pensamento complexo e elenca-se possíveis categorias articuladoras nesse movimento analítico. Dentre as categorias articuladoras encontra-se o aprender a aprender, compreendido como possível objeto de conhecimento. A interpretação conjugada dessa resultante temporal possibilita o aflorar de uma nova experiência.

***Possíveis intersecções entre educação e trabalho:
um debate contemporâneo***

Vanderlei da Silva Mendes (UNESC)

Neste artigo procuramos discutir a relação entre educação e o trabalho, bem como suas transformações ao longo da história. Estabelecemos como objetivo possibilitar a discussão de possíveis intersecções entre educação e trabalho a partir de autores que o defendem sob uma perspectiva histórica e crítica. O texto inicia com uma discussão mais geral sobre os conceitos de educação, suas formas e o trabalho educativo. Num segundo momento, apresentamos o trabalho como essência humana e elemento fundador da sociedade capitalista, relacionando-o com a educação. Num terceiro momento discorremos que, com o advento do capitalismo, as mudanças nas relações entre educação e trabalho, deixam de ser naturais para serem sociais, através do contrato social. Nesta conjuntura a escola se torna importante para a sociedade burguesa, porque ela aparece como agente ligada ao progresso, às necessidades de hábitos civilizados, os quais correspondem à vida em sociedade e à formação do cidadão. Segundo Frigotto (2008) a educação tem um papel fundamental para a evolução do capitalismo, promovendo desigualdades entre as nações e grupos sociais. No quarto momento, apresentamos as mudanças tecnológicas e a reorganização do sistema produtivo, com o objetivo de conhecer como essas transformações impactaram a sociedade e determinaram a forma de educação e de escola. Na intersecção entre educação e trabalho concluímos que há necessidade da construção de novos aportes teóricos que contribuam para a superação da lógica instrumental, mecanicista e econômica. Desse modo, a educação pode significar um ponto de partida para pensar o trabalho como mecanismo essencial para efetivação da formação humana, baseado no pensamento crítico e na capacidade criativa. Cabe destacar ainda que este se insere no campo dos estudos teóricos, entendido como área fundamental para a construção de conceitos capazes de fornecer subsídios de interpretação de uma realidade social em constante mudança.

Traduzir a educação museal: ato político em epistemologia

Thiago Consiglio (UFSCar / (IBRAM-CNPq)

A educação praticada em instituições museais é tão antiga quanto os próprios museus. Tendo sido denominada de diversas formas durante seu desenvolvimento histórico, essa prática poderia ter seu sentido dissipado em uma multiplicidade de perspectivas.

Aqui acreditamos que a defesa da terminologia “educação museal” tem um potencial de fortalecer o campo de atuação como um todo porque traduz o acúmulo histórico da área na política pública de âmbito nacional, no caso brasileiro – Política Nacional de Educação Museal. PNEM (BRASIL, 2017).

Objetivamos no presente trabalho discutir alguns dos possíveis fundamentos desse campo de atuação em estado de consolidação (IBRAM, 2018). Com isso buscamos fortalecer a luta – ato político, por excelência – empenhada por diversos agentes que buscam o reconhecimento da área enquanto autônoma.

Considerando a lacuna existente, entre a publicação da PNEM em 2017 e o 1o setor educativo institucionalizado no Brasil em 1927 no Museu Nacional (UFRJ), argumentamos que a Educação Museal encontra-se em uma condição histórica estratégica.

Ao mesmo tempo em que ela dá nome à política pública, ela traduz – aqui, unificando – as diversas terminologias anteriores nesta atual, insistindo em um movimento da tradução contemporânea que inverte a causalidade, alterando do presente o passado instituído.

Também por ser relativamente novo, o campo encontra-se em momento de consolidação, enfrentando os desafios de buscar consensos entre seus agentes e elaborar uma perspectiva original.

Para isso, partimos do princípio de “tudo vale” do anarquismo epistemológico do filósofo Paul Feyerabend (2011) para aumentar a capacidade empírica da reflexão em busca de uma metodologia pluralista.

As novas perspectivas epistemológicas que vão permitir o desenvolvimento deste campo encontram-se projetadas em teorias que especulam a construção do conhecimento no contemporâneo a partir da crise do conhecimento científico. Neste contexto, a articulação pretende responder à sensação de perda de confiança epistemológica (SANTOS, 2018), em uma direção mais positiva.

Nessa direção articulamos alguns elementos metodológicos apresentados pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos e o filósofo Bruno Latour, respectivamente: “metodologia pós-abissal” (2019) e “sociologia das associações” (2012).

A ideia de articulação entre essas duas perspectivas dá-se novamente pelo ato de tradução – agora, plurificando – porque expande o contexto inicial em direções imprevistas.

O presente exercício de articular as “epistemologias do Sul” (SANTOS, 2019) e a “teoria do Ator-Rede” (LATOURE, 2012) pode ser considerado como prática de uma tradução epistemológica enquanto um esforço em possibilitar “inteligibilidade mútua entre experiências possíveis e disponíveis sem destruir a sua identidade” (SANTOS, 2010, p. 95).

Ambas as perspectivas partem de uma premissa semelhante que transcria a construção de conhecimento tradicional e considera os sujeitos, anteriormente ignorados, como protagonistas. Assim, os agentes da educação museal partem da resistência em direção à revolta.

Buscamos condição para que essas novas vozes possam ser pronunciadas e reconhecidas enquanto tais. O procedimento de tradução enquanto articulação teórica serve, segundo

CADERNO DE RESUMOS
1º Simpósio Educação e Epistemologia
Multiplicidade Epistêmica da Educação

Santos (2010, p. 127), para definir “em concreto, em cada momento e contexto histórico, quais as constelações de práticas com maior potencial contra-hegemonico”. É nesse sentido contrahegemônico que traduzimos a Educação Museal e nos posicionamos politicamente através da epistemologia.

Eixo 2

Participação da Epistemologia na Pesquisa Educacional

Trata-se das pesquisas que apresentem propostas que aproximem a epistemologia das abordagens metodológicas e sua utilização nas pesquisas em educação

*A abordagem metodológica do walking ethnography
na educação ambiental e educação em saúde*

Valéria Ghislotti Iared (UFPR)
Tiago Venturi (UFPR)

Tomando o corpo como base da nossa interpretação do mundo, muitos estudos das mais diferentes disciplinas e campos do saber tem se apropriado do walking ethnography como proposta metodológica. Percepção corporal e movimento estão emaranhados em um mesmo fluxo relacional, os quais são cogeradores na produção de significados (meaning-makings). As investigações sobre as práticas corporais têm sido percebidas como fundamentais para percepção das multissensorialidades do mundo-mais-que-humano e como potentes para ampliar a compreensão das várias agências que compõem processos econômicos, políticos, sociais nos níveis estruturais e experienciais. Ao nos atentarmos a como nosso corpo responde às agências humanas e mais-que-humanas, abrem-se oportunidades de maior compreensão da nossa existência (corpo~mente) no fluxo de relações como o mundo (biológico, político, social). Soma-se a essa perspectiva, as orientações filosóficas das teorias não-representacionais, pois entende-se que métodos convencionais se apoiam em descrições verbais e textuais não são suficientes para capturar e expressar o nível experiencial e afetivo. Investigações no campo da pesquisa em educação ambiental vem se baseando no walking ethnography como possibilidade de apreender as experiências estéticas na natureza. Nesses estudos, a concepção de estética transcende a noção do belo e é concebida como corpo somático que é a base para interpretar nossas percepções e correspondências com as agências mais-que-humanas. Na educação em saúde, essa metodologia pode permitir uma compreensão de saúde para além da biomédica, que relaciona saúde à ausência de doenças, ampliando o olhar para elementos sócio-políticos, ambientais e existenciais. Baseado em movimentos contemporâneos como o novo materialismo e as viradas ontológicas e afetivas, o walking ethnography permite pensar em novas epistemologias, formas de compreender o mundo e construir conhecimentos na pesquisa educacional. Essa proposta rompe com ideias cartesianas e positivistas na pesquisa em educação e, no caso da educação ambiental e educação em saúde, pode possibilitar a articulação de dois campos que historicamente parecem dicotomizados, mas que na realidade possuem complementaridades e possibilidade de integrarem-se em uma compreensão de mundo mais equilibrada, considerando corpo~mente~mundo. Compreensão esta que ultrapassa o campo da teoria ao campo da prática na formação docente e na realidade escolar. No trabalho, pretendemos apresentar autores como Tim Ingold, Richard Shusterman, Alberto Acosta (entre outros) e conceitos como o Bem Viver, educação da atenção e somaestética, os quais vem pautando nossos estudos para pensar essa metodologia como possibilidade de interface entre os campos.

A formação do estudante do ensino médio e sua relação com o mundo do trabalho: um estudo a partir da teoria histórico-cultural na EEB Professora Salete Scotti dos Santos – Içara/SC

Vanderlei da Silva Mendes (UNESC)
Lilian Inácio da Silva Mendes (UNESC)

A complexidade da educação como prática social deve ser tratada dentro de um sistema educacional situado em uma dada sociedade e em um tempo histórico determinado. Este artigo pretenderá discorrer sobre a corrente soviética Histórico-cultural e sua contribuição para a educação e refletir sobre os seguintes pontos: Que aspectos da teoria histórico-cultural influenciaram na educação escolar contemporânea? Que tipo de formação está recebendo o estudante do Ensino Médio na EEB Professora Salete Scotti dos Santos? Que relações podemos estabelecer entre tal educação e o mundo do trabalho?

O presente artigo pretende pensar a educação na escola a partir da teoria histórico-cultural, ou seja, fazer uma reflexão e análise sobre a formação do estudante do Ensino Médio na EEB Professora Salete Scotti dos Santos e sua relação com o mundo do trabalho. Por isso, como problema central se configura a partir da seguinte formulação: Qual formação se efetiva com estudantes do ensino médio da EEB Professora Salete Scotti dos Santos – Içara/SC e como esta está relacionada com o mundo do trabalho? Para desenvolver a pesquisa norteamos a partir dos seguintes objetivos: objetivo geral visa analisar que formação se efetiva com estudantes do ensino médio da EEB Professora Salete Scotti dos Santos – Içara/SC e como esta está relacionada com o mundo do trabalho; como objetivos específicos temos: investigar a educação como emancipadora e humanizadora do indivíduo a partir da referência da Psicologia histórico-Cultural; fazer um diagnóstico sobre o tipo de formação que os alunos do ensino médio da EEB Professora Salete Scotti dos Santos recebem, seus anseios e motivações; estabelecer relações da educação com o mundo do trabalho coteja com as novas diretrizes do novo ensino médio.

Como abordagem metodológica pretende-se uma pesquisa qualitativa com pesquisa teórica e pesquisa de campo. Se faz necessário dizer que este artigo enquanto pesquisa bibliográfica assume como método uma análise dialética, objetivando investigar a educação como emancipadora e humanizadora do indivíduo. Destaca-se ainda num primeiro momento a necessidade de aprofundamento dos estudos de Marx, Vigotski e a sua Psicologia Histórico-Cultural como fundamento para tal investigação. Num segundo momento pretende-se uma pesquisa com técnica de entrevista para o levantamento e análise dos dados.

A escola tem um pressuposto teórico e filosófico que determina sua dinâmica e seu desenvolvimento. Para Duarte (2007) seria impossível analisar histórica e criticamente a educação sem a fundamentação em uma teoria que a sustente. Ao nosso ver, essa deve definir a formação do indivíduo como um processo, em essência, histórico e social. Assim sendo, justificamos a escolha da base teórica e anunciamos a importância do aprofundamento nos aspectos históricos em que se originou e como ela se desenvolve na contemporaneidade educacional do início do século XXI.

***O bacharelismo jurídico e a formação do
intelectual orgânico no Brasil Império***

Clovis Hiran Fuentes Mauá Filho (UFSCar)
Sílvio César Moral Marques (UFSCar)

Este trabalho versa sobre a gênese epistemológica do ensino jurídico brasileiro, no séc. XIX, e a formação de bacharéis nas faculdades de Direito de São Paulo e Olinda/Recife, associando o fenômeno do “bacharelismo”, qual seja, de formação de uma classe de bacharéis destinados à vida política, à administração pública e privada e à intelectualidade em geral, (ADORNO, 1988; HOLANDA, 1995; CARVALHO, 2007) ao conceito gramsciano de “intelectual orgânico” (GRAMSCI, 1999; 2001), de formação de uma classe de intelectuais alinhada aos interesses das classes dominantes. A compreensão dos bacharéis em direito enquanto “intelectuais orgânicos” foi estudada por Barboza (2007). Busca-se, mais especificamente, compreender a gênese epistemológica do ensino jurídico no Brasil, formada pelo amálgama da tradição católica (a ratio studiorum), a dogmática oriunda da faculdade de Direito de Coimbra, e o liberalismo e jusnaturalismo então em voga (BARBOZA, 2007; TAGLIAVINI, 2017). Para tanto, utiliza-se do materialismo histórico dialético e, no arcabouço da tradição marxista, as compreensões de Pachukanis (1988) sobre o papel da relação jurídica nas relações sociais capitalistas e de Gramsci (1999; 2001) acerca do direito como elemento superestrutural e do “intelectual orgânico” como “funcionário” da superestrutura. Conclui-se que o processo de “bacharelismo” jurídico do séc. XIX teve como legado epistemológico a consolidação complexa de métodos e metodologias por vezes antagônicas e nem sempre plenamente compreendidas, em um processo de adaptação à realidade brasileira, através dos papéis sociais que os bacharéis ocuparam na vida social e política nacional do período. Atualmente, mesmo com as incorporações e transformações epistemológicas ocorridas posteriormente, a fórmula epistemológica desenvolvida no século XIX ainda possui grande influência no ensino jurídico brasileiro.

Eixo 3

A Epistemologia e seu Lugar na Esfera Teórica da Filosofia da Educação

Análise e reflexões sobre a tarefa epistemológica da Filosofia da Educação, nos âmbitos da pesquisa e da reflexão filosófico-educacional

***A cientificidade da educação:
diálogo epistêmico entre filosofia e pedagogia***

Marcus Rafael Rodrigues (UFSCar)

O texto em pauta tem como discussão central, a cientificidade da educação e seus parâmetros identitários. Sua motivação se dá pela atual conjuntura que veementemente tem colocado em dúvida não somente a ciência como instituição idônea mas também a própria educação, que passa a ser problematizada desde a sua prática até a sua constituição teórico-metodológica. Trazer à tona esta temática, supõe um trabalho de investigação e revisão bibliográfica que consiga pautar como direcionamento e parâmetro mínimo, um recorte dos aspectos relevantes que corroboram ou circunscrevem a educação no hall das ciências, assim como concebida no horizonte da Revolução Científica Moderna do século XVII. Tal empresa, justifica-se pelo contexto desafiador no qual a sociedade universal está imersa política e culturalmente, além do desafio de ter como questão fundante, os dilemas relativos à própria questão da verdade que muito embora filosófica, possua nuances enredadas nas mais diversas formas de ciências e porque não na educação. Dessa maneira, o texto apresenta uma pesquisa em fase seminal sobre os aspectos que podem ensejar uma epistemologia própria da educação, constituindo-a em ciência. O referencial de pesquisa a ser utilizado está diretamente associado à área da qual se aponta uma espécie de delimitação teórico-epistêmica. No que se refere ao parecer sociológico, Pierre Bourdieu, ao parecer histórico-filosófico, Platão, Aristóteles, Marx e Comte servem de suporte. Por fim, referenciais teóricos como Japiassu, Aranha, Figueroa e Rohr servirão de elo e atualização da proposta epistêmica, a educação enquanto ciência. Portanto, objetiva-se apresentar aspectos relevantes da educação que coadunam-se com as características que constituem o parecer científico tanto moderno quanto anterior à conceituação contemporânea.

***Cem anos de Darcy Ribeiro: Revisitar a vida e a obra em
uma tentativa de compreender o tema racial no Brasil***

Fábio Caires Correia (UNICATÓLICA-TO)
Rafael Furtado da Silva (UNICATÓLICA-TO)

O trabalho tem como objetivo demonstrar que não é fácil escrever sobre o tema racial em uma realidade sociopolítica arraigada, historicamente, na relação de poder que se revela no dualismo senhor e escravo, casa grande e senzala, brancos e negros, opressor e oprimidos. Esses termos são tão repetidos nos diferentes discursos políticos, filosóficos, sociológicos, antropológicos, históricos e pedagógicos que algumas pessoas chegam a dizer que vivemos escutando uma eterna redundância quando se trata de questões raciais. Sendo assim, a partir de um pesquisa bibliográfica de cunho reflexivo -crítico, percebe-se que é fundamental ler Darcy Ribeiro, principalmente, no ano do centenário desse pensador brasileiro, para entender

as diversas cicatrizes presentes nos corpos dos negros e das negras que atravessaram dias e noites de dor, frio, fome, torturas, de sofrimentos e chegaram à terra dos senhores brancos, das casas grandes, das senzalas, dos canaviais e do chicote como instrumento de castigo, de obediência e de docilidade dos sujeitos. Darcy Ribeiro, no decorrer dos cem anos, não somente descreve essa realidade, mas também contribui com uma tentativa de compreensão do racismo, da xenofobia e do poder arcaico de uma classe dominante sob a classe dominada. Nesse sentido, primeiro discorre sobre o conceito de violência presente, somente, no discurso dos brancos e a animalidade dos homens negros e das mulheres negras. Segundo, pondera que as mulheres negras não eram, em nenhum momento, respeitadas como seres humanos. Na sua condição de objeto foram tão feridas fisicamente, moralmente e psicologicamente. Conclui-se que em um sistema educacional pensado para uma determinada classe hegemônica, as crianças negras foram educadas para o trabalho. Os meninos aprendiam os trabalhos manuais, enquanto as meninas se preparavam para servir aos demais. O contexto de sofrimento, dor e cansaço se faz presente em ambos os sexos e na história da população negra brasileira.

A ética na formação do adolescente no ensino médio

Patrícia Aparecida da Silva (UNINOVE)
Antônio Joaquim Severino (UNINOVE)

É imprescindível falar de ética com adolescentes para assim lhes mostrar que é através da junção de teoria e prática que as nossas ações cotidianas precisam ser pautadas na racionalidade, nos princípios e valores morais. Falar de ética com jovens é também colaborar para que a construção de seus valores morais seja sobre alicerces sólidos, e assim auxiliar na formação de cidadãos conscientes e responsáveis de seus deveres e direitos na sociedade. Para que os jovens educandos possam utilizar a atividade intelectual na resolução de dilemas cotidianos de forma ética para que a vida em sociedade se torne mais saudável, impõe-se, na pedagogia escolar, tematizar e problematizar as opções que são levadas a fazer com vistas à prática pessoal e social. Em pesquisa em desenvolvimento, com vistas à elaboração da dissertação de mestrado, busca-se conhecer o pensamento de estudantes de ensino médio a respeito de seu aprendizado de ética na disciplina de filosofia e debater com eles o sentido de sua própria formação. Para subsidiar o entendimento dessa formação ética, recorre-se às contribuições filosóficas de Aristóteles e Kant, buscando nelas o entendimento de uma educação ética e autônoma, pressuposta para a formação intelectual de todo educando. Ao mesmo tempo, com base no diálogo com essas referências clássicas, o que se procura promover é o envolvimento dos adolescentes nas questões sociais e políticas da sociedade brasileira, de modo a que se dê plena conta das suas condições concretas de existência, suscitando neles a tomada de consciência da necessidade de superação das colonialidades do poder, do ser e do saber, que ainda impregnam a cultura latino-americana envolvente. Por isso, o que está em pauta é explicitar pedagogicamente ao adolescente o sentido de sua existência, subsidiando-o na compreensão do lugar que ele ocupa na realidade histórica de seu mundo. O intento é, pois, subsidiar o jovem aprendiz a ler o seu mundo para se ler nele.

Contradições da formação humana e profissional no curso de Direito: uma aproximação com base nas representações de estudantes de três universidades particulares de São Paulo

Antonio Carlos Gomes Ferreira (UNINOVE)

O presente trabalho tem como objeto a razão de ser que impulsiona o jovem na sociedade hodierna a optar pela carreira jurídica e que justificaria sua opção ideológica no entendimento da teoria e da prática jurídicas. Considerando um ensino tradicional, assentado em saberes fragmentados, característicos do sistema capitalista sob o paradigma do neoliberalismo, buscou-se compreender e avaliar a presença da formação humanística nos cursos de Direito e seus benefícios para os projetos de vida dos educandos. Para tanto, desenvolve-se uma análise baseada nas representações de estudantes dos cursos de Direito de três universidades particulares da cidade de São Paulo, colhidas mediante respostas a questionário específico. Após uma retomada histórica da trajetória dos cursos de Direito no Brasil, por meio de análise bibliográfica e documental, para caracterizar a tradição destes em nosso contexto cultural, procedeu-se à aplicação do questionário aos sujeitos de pesquisa, divididos em três grupos: alunos concluintes do ensino médio, alunos ingressantes no curso de Direito e alunos em fase de conclusão do curso, buscando evidenciar, respectivamente, as expectativas projetadas, a percepção inicial e a avaliação da própria formação recebida. Fundamentada no referencial epistemológico do materialismo dialético, a pesquisa confirmou a hipótese de que a formação jurídica, nas Universidades investigadas, ocorre de forma epistemológica fragmentada e ideologizada, ausente a alegada formação humanística teoricamente sustentada pelos documentos formais e pelos paradigmas pedagógicos referenciados. Alvitra-se, com esta tese, a configuração de uma proposta formativa para o curso de Direito efetivamente compromissada com os objetivos emancipatórios do campo jurídico. Visto que, diante de uma sociedade global permeada por crises, injustiças e desigualdades sociais, torna-se essencial a busca de novos referenciais educacionais numa perspectiva de formação humana dos operadores jurídicos, tornando-se cada vez mais necessário um currículo voltado para o ensino humanístico do Direito.

***Educação para o pensar:
desafios e perspectivas do ensino de filosofia***

Geovani Viola Moretto Mendes (PUC-PR)
Vanderlei da Silva Mendes (UNESC)

Embora a filosofia tenha mais de dois mil anos de história, seus desafios ainda recaem acerca da metodologia mais adequada ao seu ensino, uma vez que seus conteúdos não podem ser deturpados pelas exigências burocráticas. Suas orientações básicas estão na LDB nº

9.394/96, mas frequentemente encontramos uma grande quantidade de métodos, correntes de pensamento e de concepções metodológicas divergentes. Este artigo parte de um problema presente no cotidiano de grande parte dos professores de filosofia: de que maneira é possível conduzir o ensino de Filosofia a fim de desenvolver no aluno a capacidade para responder os questionamentos advindos das mais variadas situações?

A Filosofia necessita conquistar seu espaço, tanto no campo político-institucional como no plano de sua efetivação no currículo. No Ensino Médio, as perspectivas e os desafios do ensino de Filosofia não são menores, pois essa etapa da formação encerra em si uma função socioeducacional de relevância ainda pouco mensurada, o preparo dos jovens e adultos para o real e decisivo enfrentamento dos desafios da modernidade. O objetivo do nosso artigo é discutir, a partir de alguns referenciais teóricos e da experiência pessoal, a importância de se promover uma educação pensada e organizada, levando em consideração que as complexas situações criadas pelos estudantes na rotina escolar em vista de seus conhecimentos, exigências e necessidades são de tamanha complexidade, que dificilmente qualquer tarefa ou disciplina isolada tem reais e seguras condições de docência didática e pedagógica. Porém, independente dos desafios e da complexidade, cabe ao docente a tarefa primordial de conduzir correta e equilibradamente o trabalho didático e pedagógico na sala de aula.

***Ética e felicidade no contexto feminino: uma análise
à luz da decolonialidade da epistemologia jurídica***

Laura Maria F. Moreira (UNINOVE)
Antônio Joaquim Severino (UNINOVE)

Na perspectiva do giro decolonial do pensamento filosófico, em significativo avanço no contexto cultural latino-americano, a condição da mulher vem assumindo um lugar mais destacado na reflexão e nos debates críticos que esse movimento tem promovido. É que a colonialidade do poder se faz presente, de forma acentuada, nas relações de gênero, condição que tem provocado então a emergência de um posicionamento feminista a reivindicar maior espaço de direitos para a mulher no seio da sociedade, ainda muito marcada pelo patriarcalismo, pelo capitalismo classista e pelo silenciamento epistêmico das pessoas, com forte impacto sobre a condição feminina. À luz desse contexto cultural e na perspectiva decolonizante do pensamento, este trabalho, desenvolvido mediante exploração documental e bibliográfica, propõe o exercício de uma reflexão sobre essa condição da mulher na sociedade brasileira da atualidade, com vistas a explicitar os condicionamentos que ainda a mantêm como ente oprimido, despojado de direitos fundamentais, a começar pelo direito à vida, continuamente negado pela ainda elevada incidência do feminicídio. Esta reflexão se fará, dialeticamente, explicitando a contradição representada por essa disruptura, tomando como referência teórica a já milenar concepção aristotélica que, ao tratar da ética, propunha a felicidade como finalidade intrínseca da existência humana, para o que se fazia necessária uma pólis constituída por cidadãos virtuosos. Sem prejuízo do recurso a outras referências teóricas, apoia-se principalmente nas contribuições da obra *Ética a Nicômaco*, como um direcionador teórico para os conceitos de ética e de felicidade, que subsidia o resgate da

dignidade da mulher no mundo de hoje, visto que, nessa obra, o filósofo trata a ética como um conceito não abstrato que possibilita o nascer da felicidade, sendo esta apresentada como o objetivo fundamental do ser humano. Trata-se assim de uma abordagem epistêmica e jurisprudencial, compromissada com a busca de uma nova configuração da condição feminina a ser marcada pela realização da felicidade, numa perspectiva ético-política decolonizante, operando o questionamento da colonialidade do poder na vida das mulheres, impregnado não só na legislação como também nas práticas epistêmica e educativa ainda vigentes. Os resultados obtidos indicam que muitas são as percepções sobre o que traz felicidade, surgindo, dentre outras possibilidades, o divórcio e proteção à violência doméstica, ambas tendo decisões judiciais como fator determinante na referida busca. Em contrapartida, igualmente diversas são as motivações para que as mulheres, ainda que sejam subjugadas em relacionamentos abusivos, neles permaneçam, encontrando justificativas para a adoção de tal posicionamento. Assim, sob a perspectiva da felicidade na ótica da Ética a Nicômaco, acredita-se que ela nem sempre seja alcançada em sua plenitude, particularmente nas situações de uma justiça que não seja pautada em princípios éticos que venham ao encontro dos problemas das mulheres, a exemplo do combate à violência doméstica.

***Filosofia e educação: a prática filosófica enquanto
mediação na formação por competências***

José Humberto de Rezende (UNINOVE)

Estudo desenvolve reflexão sobre a tarefa da Filosofia da Educação na compreensão do sentido da formação integral do adolescente e de como ela poderá elucidar a prática formativa. Objetivo é investigar em que esta visão é incompatível com a formação por competências ou se nela encontra subsídios que ensejam a configuração de boas práticas didático-pedagógicas. A proposta curricular da Rede Estadual Paulista, a exemplo da BNCC, tem-se baseado em um modelo de ensino que busca a formação do adolescente mediante a aquisição de competências. Recorrendo às categorias filosófico-educacionais que dialogam no debate da problemática, o trabalho avalia os rumos que a Filosofia vem assumindo no Ensino Médio da referida rede e põe em discussão o próprio sentido que ela deveria assumir enquanto prática mediadora para o mundo do trabalho, para a esfera da sociabilidade e para o universo cultural, dimensões em que se espriará a prática futura dos jovens educandos. O estudo tem como fonte primária a abordagem da legislação do Ensino Médio, tanto em nível federal como estadual, com destaque para a regulamentação curricular e didática do Estado de São Paulo, como para a LDB 9394/96, a BNCC e a Lei da Reforma do Ensino Médio. A pesquisa bibliográfica estabelece um diálogo entre a proposta filosófica de Antônio Gramsci e o ensino por competências concebido por Philippe Perrenoud. As concepções dos dois pensadores relativas à instituição escolar e à formação dos jovens propiciam ao professor filósofo subsidiar práticas que levam o educando a elaborar e se apropriar dos instrumentos intelectuais necessários para a construção de competências para a vida. Constata-se que, apesar de competências terem sido concebidas nas diretrizes nacionais e no Currículo Paulista visando a atender às demandas do capital, a Filosofia da Educação, enquanto campo

da filosofia que se ocupa de seu ensino, favorece a compreensão das interações sociais, produtivas e simbólicas, conscientes, críticas e responsáveis. É fundamental o equilíbrio nas práticas pedagógicas para que a Filosofia não caia no conteudismo amparado em textos filosóficos, ou no pragmatismo ideológico presente em textos veiculados no universo cultural do jovem. O ensino de Filosofia como processo reflexivo mediado por atividades de criação de conceitos é um recurso didático-pedagógico de manutenção desse equilíbrio. Nesse contexto, a Oficina de Conceitos, idealizada por Gallo como transposição para a prática pedagógica da concepção deleuze-guattariana da Filosofia como criação de conceitos, configura-se como recurso facilitador de práticas que levam o educando a desenvolver sua experiência do pensamento e a (re)criar conceitos filosóficos. Para que ações pedagógicas exerçam a tarefa de elucidação da realidade social que o circunda, faz-se necessária à atividade docente adotar o modelo filosófico denominado por Saviani de reflexão radical, rigorosa e de conjunto. Essas são ações que estimulam aprender Filosofia e a filosofar, em um processo no qual teoria e prática são pilares para que professores filósofos levem o educando a elaborar e se apropriar dos instrumentos intelectuais em uma perspectiva crítica aos grupos hegemônicos.

O conceito de Pedagogias Decoloniais em Catherine Walsh

Flávio Rafael da Silva Brito (UNINOVE)
Antônio Joaquim Severino (UNINOVE)

Neste trabalho apresentamos o conceito de “Pedagogias Decoloniais” embasados no pensamento crítico de Catherine Walsh, a partir do capítulo de sua autoria, presente no livro “Pedagogías Decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir”. Numa perspectiva epistemológica pós-colonial, a autora aponta caminhos outros para uma concepção pedagógica cujo objetivo não se prende aos aspectos instrumentalistas predominantes nas instituições escolares impregnadas pelo colonialismo. Assim, defende um modelo pedagógico praxista, pautado na dinâmica das e para as lutas sociais, políticas e culturais como práticas insurgentes para resistir a hegemonia do pensamento da modernidade ocidental. Por isso, para pensar o decolonial pedagogicamente e o pedagogicamente decolonial, destaca, a partir de Freire, Fanon e Zapata, diferentes modos pensar e agir para a libertação, para o conhecimento e para a humanização, evidenciando que as pedagogias decoloniais não configuram um novo campo de estudo no qual podemos nos aprofundar a partir de autores. Ao contrário, elas são construídas por meio das lutas, como uma necessidade epistêmica de ruptura e de transgressão para superação dos momentos políticos que entrelaçam o pedagógico e o decolonial. Nesse sentido, defende que a decolonialidade não pode ser entendida como teoria, mas um projeto a ser assumido de forma prática, coletiva, individual, objetiva e subjetivamente, movendo a engrenagem do caminhar pedagogicamente por meio das ações insurgentes cotidianas que permitam romper o falso paradigma da marginalização e da exclusão, distanciando-nos do multiculturalismo e aproximando-nos da interculturalidade.

*Uma análise freireana sobre as concepções
epistemológicas e ontológicas no currículo neoliberal*

Fernando H Ferreira (UFSCar)

Partindo do paradigma epistemológico do materialismo histórico-dialético, com ênfase na abordagem freireana, o presente trabalho tem como objetivo articular as relações entre epistemologia e seus impactos na formação ontológica promovida pelos currículos neoliberais.

Partindo da concepção educacional crítico libertadora de Paulo Freire, buscaremos enfatizar os impactos da educação tradicional, definida pelo autor como “educação bancária”, na formação dos educandos. Nessa perspectiva, o conhecimento é tomado como objeto passível de “depósito” nos educandos e, dessa forma, os estudantes são reconhecidos como “contas vazias” esperando os “depósitos de conhecimento” (FREIRE, 2019a). O processo de conhecimento é compreendido de forma instrumental e somativa e o aluno é tomado como “conta vazia”. Para Freire, a “educação bancária” leva a alienação e desumanização, pois o ato de conhecimento dos objetos cognoscíveis implica ao educando negar suas experiências para, dessa forma, assumir o “verdadeiro conhecimento”.

A crítica de Freire ao modelo tradicional, embora pareça marcado no tempo histórico, encontra-se verdadeiramente viva na atualidade, uma vez que, as teorias currículos neoliberais assumem a posição “bancária” da educação com novas roupagens. Basta volver os olhos ao desenvolvimento do conceito de “capital humano”, criado por Gary Becker e Theodore W. Schultz da Escola de Chicago, onde todos devem ser tomados como empresas e, por razão, concorrentes entre si no mercado. O conhecimento é resumido a instrumentalidade técnica e tomado como objeto, cuja finalidade é ampliação dos investimentos em si a fim de melhorar as próprias taxas concorrenciais. O desenvolvimento do empresário de si torna-se ideologia dominante na sociedade e é denunciado por Foucault e abordado por diversos autores, tal como Laval e Dardot, Safatle etc. Esse processo está amplamente relacionado ao desenvolvimento reificação promovida no bojo do capitalismo neoliberal, cujo impacto é reconhecido nos currículos nacionais.

Paulo Freire estabelece as bases conceituais da educação crítico libertadora a partir da ontologia, gnosiologia e axiologia (tendo em vista as limitações desta apresentação, não poderemos nos deter com máxima atenção à esse três aspectos, mas dado sua importância para a compreensão do autor em foco, temos como objetivo evidenciar a importância destas para o desenvolvimento teórico freiriano). Para o autor, essas estruturas devem ser compreendidas em constante relação, pois o ato de conhecer não é clivado do mundo, ou seja, todo conhecimento ancora-se aos campos da ética, estética e política. Portanto, buscaremos balizar a crítica freireana a “educação bancária” aos novos formatos epistemológicos desenvolvidos no seio do sistema do neoliberal a fim de problematizar os impactos destes na formação ontológica dos estudantes.

Eixo 4

Fundamentação Epistêmica das Teorias Pedagógicas

Explicitação e discussão sobre os referenciais que alicerçam as teorias pedagógicas

A pedagogia histórico crítica enquanto teoria pedagógica fundamentada no marxismo histórico crítico. Explicação e discussão acerca deste referencial

Luís Carlos da Silva (UFSCar)

Toda teoria pedagógica é fundamentada em um ou mais referenciais que justificam sua construção no espaço pedagógico e auxiliam na elaboração de sua prática. Ao invés de dialogar sobre os referenciais que alicerçam as teorias pedagógicas, nesta pesquisa será feito o inverso: apresentar a teoria pedagógica e pensar, finalmente, qual ou quais os referenciais que colaboram para que a teoria seja de fato pertinente e efetiva. Este estudo acadêmico será feito a partir da teoria pedagógica denominada: pedagogia histórico crítica.

A pedagogia histórico crítica tem como um de seus idealizadores Dermeval Saviani. Em sua obra: Escola e democracia, publicada no ano de 1983, dá as bases para sua teoria pedagógica e apresenta como fundamentação da mesma o marxismo histórico e dialético. Portanto, essa comunicação explicará, em linhas gerais a pedagogia histórico crítica e suas raízes no pensamento marxista, principalmente a partir do filósofo Gramsci, que pensou o marxismo do ponto de vista da educação.

Relacionando a teoria pedagógica com sua fundamentação epistêmica será criada a discussão dos limites e das possibilidades da adequação da teoria na prática escolar, levando em consideração seus fundamentos.

Currículo escolar: uma análise a partir da Teoria Crítica

Marcela Regina Mafra (UEL)
Vivian Leite Pereira Montanher (UEL)
Rafaela Carolina Garcia Ferreira (UEL)

Toda teoria pedagógica é fundamentada em um ou mais referenciais que justificam sua construção no espaço pedagógico e auxiliam na elaboração de sua prática. Ao invés de dialogar sobre os referenciais que alicerçam as teorias pedagógicas, nesta pesquisa será feito o inverso: apresentar a teoria pedagógica e pensar, finalmente, qual ou quais os referenciais que colaboram para que a teoria seja de fato pertinente e efetiva. Este estudo acadêmico será feito a partir da teoria pedagógica denominada: pedagogia histórico crítica.

A pedagogia histórico crítica tem como um de seus idealizadores Dermeval Saviani. Em sua obra: Escola e democracia, publicada no ano de 1983, dá as bases para sua teoria pedagógica e apresenta como fundamentação da mesma o marxismo histórico e dialético. Portanto, essa comunicação explicará, em linhas gerais a pedagogia histórico crítica e suas raízes no pensamento marxista, principalmente a partir do filósofo Gramsci, que pensou o marxismo do ponto de vista da educação.

Relacionando a teoria pedagógica com sua fundamentação epistêmica será criada a discussão

dos limites e das possibilidades da adequação da teoria na prática escolar, levando em consideração seus fundamentos.

Os corpos dóceis e a educação bancária como negação da vocação ontológica: diálogos entre Michel Foucault e Paulo Freire

Vanderlei da Silva Mendes (UNESC)

Este artigo tem como objeto de pesquisa os corpos dóceis e a educação bancária, e para isso desenvolveu-se um estudo conceitual e interpretativo acerca do pensamento de dois grandes teóricos: Michel Foucault e Paulo Freire. Assim sendo, valeu-se da metodologia de um estudo bibliográfico, feita a partir de pesquisas em textos clássicos destes autores.

Nesse processo de reflexão o objetivo foi relacionar as perspectivas teóricas dos autores com o intuito de pensá-los no campo da educação escolar. Sob a perspectiva teórica de Foucault, são abordadas questões como a fabricação dos corpos e os mecanismos para seu disciplinamento, e as relações de poder presentes na escola. Sob a perspectiva de Freire, questões como a educação bancária e a educação libertadora. Problematizam-se a docilização dos corpos e as práticas educacionais da instituição escolar, seguindo o pensamento dos dois autores. Em Foucault, são apresentados os processos de sujeição e docilização dos corpos presentes na escola. Em Freire, as atitudes de resistência e luta contra o poder dominante, como proposta de libertação dos processos de interdição e sujeição dos corpos que se efetivam por meio de pedagogias repressivas. Enfim, percebe-se que os autores, embora de matrizes teóricas diferentes, podem contribuir para uma reflexão sobre os corpos e constituírem uma base comum para uma educação transformadora do sujeito.

Eixo 5

Manifestações Paradigmáticas da Epistemologia sob Impacto da Atual Geopolítica do Conhecimento

Pesquisa e debates relacionados à demanda específica de revisão epistemológica à luz da pós-colonialidade e da interculturalidade

***Educação como prática de atenção:
notas para uma pedagogia pós-crítica***

Ricardo Avalone Athanásio Dantas (UFPI)

Podemos entender a pedagogia crítica freireana como pautada pela ideia de que a crítica consistiria no exercício da consciência, esta situada entre o real (o que é) e o ideal (o que poderia ser). Essa consciência, a consciência crítica, seria mobilizada para a libertação do oprimido, para a transformação do mundo por meio do exercício crítico do sujeito sobre a própria vontade. Da Pedagogia do Oprimido à Pedagogia da Indignação, encontra-se presente a ideia de que a emancipação deve decorrer de um ato deliberativo sobre uma intenção propositalmente colocada antes dela mesma, como um processo que se daria de acordo com o esquema intenção na mente – ato deliberativo – intenção cumprida no mundo. A consciência transitiva seria, nesse sentido, uma condição básica para que uma intenção se concretize. Mas de que modo tal consciência pode se concretizar como consciência histórica hoje, diante da crise ecológica global, dos negacionismos e, com eles, a crise da crítica? Partindo deste questionamento epistemológico, pretendemos realizar uma breve incursão pela compreensão freireana de crítica com ênfase na sua vinculação ao pensamento humanista herdado, para explicitar seus limites e propor uma alternativa calcada na antropologia ecológica de Tim Ingold – uma “educação como prática de atenção” como fundamento da pedagogia pós-crítica.

***Manifestações Paradigmáticas da Epistemologia sob
Impacto da Atual Geopolítica do Conhecimento***

Diogo Bandeira de Souza (UFSCar)

O presente trabalho, cujo título é *As Epistemologias do Sul e a descolonização dos saberes: as produções acadêmicas do Coletivo de Estudos e Ações Indígenas da Universidade Estadual de Ponta Grossa no Paraná*, corresponde à parte de minha pesquisa de Doutorado em curso e apresenta – naquilo que já é possível dimensionar – as contribuições dos estudantes indígenas vinculados à Universidade Estadual de Ponta Grossa no Paraná e que integram o Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI) desta Instituição de Ensino ao fazer científico neste espaço universitário. Cabe dizer que o CEAI existe por iniciativa própria dos estudantes indígenas, sendo fundado no ano de 2011 e conta, na modalidade de extensão com integrantes indígenas e não indígenas. Não obstante, as temáticas debatidas são inerentes ao contexto indígena, ou seja, com relação às lutas destes povos, bem como um meio de reexistência dentro do espaço universitário, cuja estrutura segue a concepção tradicional e eurocêntrica de se produzir conhecimento. Isso posto, nosso estudo se assenta neste ponto, porquanto investiga o processo de descolonização dos saberes, uma vez que, embora a colonização tenha sido superada com a Independência do Brasil, sua visão

científica não fora igualmente superada. Sei que é comumente utilizado o termo “decolonial” nos textos que discutem temáticas voltadas aos povos originários e afins, contudo, não vejo em minha investigação a presença em si da colonialidade propriamente dita. Pelo contrário: no cenário das universidades, pensadas institucionalmente como espaços de produções de saberes (científicos), vejo que ainda estamos num período anterior à colonialidade, isto é, estamos na era colonial, porquanto fazemos ciência conforme o colonizador nos impôs e só aceitamos como saber válido (episteme), o que corresponde a esse paradigma. Logo, não se trata exclusivamente de um reflexo cultural do dominador/invasor ao longo da história. Trata-se da manutenção de uma estrutura que ainda se mantém e que precisa ser de fato superada. Portanto, precisa-se descolonizar o espaço universitário e seu modo de pensar e produzir ciência. É neste sentido que trago as Epistemologias do Sul (e não tão somente) para esta reflexão, de maneira a considerar duas contribuições de Boaventura de Sousa Santos que para mim são bastante caras ao enfrentamento dessa luta: os conceitos de exclusões não-abissais e exclusões abissais e as Sociologias das Ausências e das Emergências.

Uma leitura debordiana da Educação Brasileira

Vinicius Rebelo de Almeida (UNINOVE)
Antônio Joaquim Severino (UNINOVE)

A educação brasileira aparece na contemporaneidade como primado de vitórias da luta travada entre as elites e a classe trabalhadora. Por um lado, num olhar ingênuo, conforma-se tal postulado pelo fenômeno da democratização da educação que a consolida como um direito universal velando as reais contradições que compõem o tecido da sociedade moderna. Por outro lado, ela também se configurou aos moldes do modo de produção capitalista, a saber, fragmentador e acumulador por meio da burocratização, perdendo, por conseguinte, a sua maior qualidade e promessa, a emancipação e a criticidade. A fragmentação e acumulação da sociedade, como dito, é o *modus operandi* do sistema capitalista e apresenta-se na forma do espetáculo. Por isso, analisar a educação brasileira pela mediação da filosofia crítica de Guy Debord é o propósito da investigação, ora em andamento, e a que se reporta esta comunicação. A educação espetacularizada equivale, portanto, a manutenção das forças hegemônicas que estruturam a sociedade, em outras palavras, ratificam e distanciam as contradições existentes entre as classes dominante e dominada. Não obstante, o espetáculo apresenta-se também por meio da representação falseada, ou seja, questiona-se desta forma a própria condição da educação em sua condição de educação burguesa e o conhecimento enquanto conhecimento tecnocientífico como fins em si mesmos, tal como ocorre com o espetáculo. Por fim, evoca-se não somente o aspecto negativo, alvo da crítica que se impõe, mas também a pertinência da busca de soluções que possam engajar novas perspectivas, inspiradas e sugeridas pelas reflexões de Debord, que acenam para a superação do sistema espetaculista e colonizador repensando suas bases, a fim de minar e corroer a sua estrutura hegemônica, autocrática, sistêmica, eurocêntrica-colonizadora, racista, sexista e permanentemente excludente. Pois não é sem razão que a espetacularização da vida social, em geral, e da prática educacional, em particular, se configuram como expressões

CADERNO DE RESUMOS
1º Simpósio Educação e Epistemologia
Multiplicidade Epistêmica da Educação

naturalizantes da colonialidade do poder, do ser e do saber, que impregnam, embora de forma dissimulada, todo o contexto sociocultural da nação.
